

O LIXO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA: A PSICOLOGIA NAS ORGANIZAÇÕES SOLIDÁRIAS

Adriano Beiras, Carolina Dácia Espíndola, Clariana Palmieri Brandão Alba, Gabriel Luiz Lückmann

Acadêmicos do Curso de Psicologia da UFSC

Maria Chalfin Coutinho

Professora do Departamento de Psicologia da UFSC (Coordenadora)

chalfin@mbox1.ufsc.br

Resumo

A abundância do lixo e o desemprego são dois resultados evidentes de um sistema capitalista, que tem por objetivo a acumulação de capital através do aumento da produção. Este artigo visa apresentar duas intervenções com associações (fundadas nos princípios da solidariedade e cooperação) que trabalham com o lixo, evidenciando novas possibilidades de atuação da psicologia social e do trabalho. Nas intervenções foram trabalhadas questões relacionadas ao vínculo grupal, cooperação, comunicação e a identidade dos trabalhadores.

Palavras-chave: Economia Solidária, Psicologia Social do trabalho, recicladores de lixo.

Introdução

Em nossa sociedade atual os indivíduos são incentivados a consumir desenfreadamente, além das necessidades humanas básicas. A abundância do lixo e o desemprego são dois resultados evidentes deste sistema, que tem por objetivo a acumulação de capital através do aumento da produção. Vivemos em um momento de crise, desemprego e intensa exclusão social. Em todo o mundo, crescem os protestos, em prol de soluções para tais problemas. Buscam-se alternativas que possam garantir a sobrevivência das camadas mais atingidas da população, oferecendo oportunidade real de re-inserção na economia por sua própria iniciativa, transformando, dessa forma, desempregados em microempresários ou operadores autônomos. Desempregados, trabalhadores informais, os quais Tedesco (2001) chama de “incluídos fora do mercado”, são desafiados a buscar todos os dias estratégias de sobrevivência tendo que encontrar formas autônomas de inserção social, ainda que estejam à margem, sejam elas relacionadas à solidariedade, à economia popular ou ligadas à criminalidade e à ilegalidade.

A economia solidária surge como uma reação que busca formas distintas das soluções individuais para inserção no mercado e no modo de produção e traz um novo modelo baseado na coletividade, socialização dos modos de produção, democratização das tomadas de decisões e relações de cooperação. Para Gaiger (2000), a Economia Solidária estaria apontando para a possibilidade de criação de uma forma social de produção diferente que convive com a forma de produção capitalista e com a forma social de produção assalariada. Já Machado e Ribas (2001) acreditam ser o objetivo central da economia solidária a geração de possibilidades econômicas destinadas à reintegração dos “excluídos”

pela ordem neoliberal de forma que passem a pertencer novamente ao processo de produção e, portanto, com possibilidade de trabalho e de renda.

Este tema vem ganhando bastante importância no debate político e acadêmico contemporâneo. Na arena política as discussões sobre economia solidária ganharam relevância, aparecendo essa nova forma de organização coletiva dos trabalhadores como uma alternativa fundamental para o enfrentamento do desemprego e da exclusão social. No ano de 2003 foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego e coordenada pelo principal estudioso deste tema no Brasil – o professor Paul Singer. Esta secretaria propõe uma série de políticas públicas com o objetivo de “... fortalecer e divulgar a economia solidária nacional, mediante políticas integradas, visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e promoção do desenvolvimento justo e solidário” (MTE/SENAES, 2003, p. 13).

No âmbito acadêmico observa-se o crescimento de pesquisas voltadas à análise de práticas solidárias, essas análises científicas buscam a compreensão de uma forma de movimento social que vem crescendo bastante nos últimos anos. Certamente estes estudos são fundamentais e devem nortear os processos de intervenção, mas além de estudar as organizações solidárias, precisamos empreender um apoio efetivo a elas. A articulação de atividades de pesquisa, ensino e extensão, voltadas para iniciativas coletivas e solidárias de enfrentamento do desemprego, constitui-se em uma contribuição fundamental para a construção de alternativas duradouras. Apesar da consciência de que essas alternativas não podem ser consideradas como formas de emancipação e rompimento com o capitalismo, é possível considerá-las como estratégias de resistência e de sobrevivência, diante do crescimento da exclusão social.

É nesse contexto que trabalhadores excluídos, marginalizados, adotam o lixo como fonte de renda e alternativa para o desemprego. Estes vêm se reunindo em associações nas quais o objetivo, segundo Gonçalves et al. (2002), não é só melhorar a renda, mas também conquistar direitos, adquirir autonomia e se emancipar. Assim, o associado passa a desfrutar de benefícios e parcerias que isolado, não teria acesso.

A maior parte da sociedade tem uma relação com o lixo como algo que não tem valor, não serve para nada. Há um sentimento coletivo de evitá-lo, pois segundo Kuhnen (1995), grande parte da população quando indagada sobre o que é lixo, responde que é tudo que é passível de se ter nojo. Ignora-se a sua existência e problemática ambiental e, conseqüentemente, rejeita-se tudo o que se relaciona com o tema, inclusive os seres humanos que com ele trabalham. Aqueles que trabalham com o lixo vêm transformando a relação do ser humano com o mesmo, mostrando-nos novamente uma importante lição da natureza: de que o que consideramos resíduo, fim de um ciclo, na realidade pode ser apenas o começo de um novo ciclo.

Desta maneira, a Psicologia como ciência que estuda fundamentalmente os seres humanos e suas relações vem reconhecer esta forma de trabalho que tão freqüentemente está sujeita a riscos da saúde física e psíquica, a preconceitos e desqualificação social. Dentro do campo de conhecimento da Psicologia Social e do Trabalho, abre-se uma nova área de intervenção: as organizações solidárias de trabalhadores. É possível incluir neste campo as pesquisas e intervenções com os coletivos de trabalhadores que atuam na coleta e reciclagem de lixo.

Atuando junto a trabalhadores que construíram identidades profissionais de empregados e, agora, vêm-se diante dos desafios de construir coletivamente novas identidades, como sócios de empreendimentos, acreditamos que a psicologia social e do trabalho pode ser de grande valia para a consolidação destes empreendimentos intervindo de diversas maneiras, seja com a organização como um todo, seja com cada trabalhador. A psicologia do trabalho aplicada as organizações passou por várias etapas desde o seu surgimento como instrumento das indústrias que seguiam os pressupostos tayloristas. Segundo Sampaio (1998), no início a psicologia tinha como função realizar seleção e colocação profissional, ou seja, se integrava ao princípio taylorista de colocar o sujeito na função que melhor se adequasse as suas características. Além disso, fazia orientação profissional e avaliava as condições de trabalho com o objetivo de aumentar a produtividade.

O autor acima classifica a segunda face da psicologia aplicada ao trabalho como psicologia organizacional, argumenta que essa face não foi uma ruptura com a primeira, mas sim a incorporação de novas atividades como treinamento, classificação de pessoal e avaliação de desempenho além de passarem a discutir as estruturas das organizações de trabalho. Nesse período foram incorporadas as novidades do estruturalismo e da teoria sistêmica da administração. Fica claro que essa passagem não representou mudanças nos objetivos da psicologia, pois o objetivo continuava sendo o aumento da produtividade nas empresas.

Precisa-se ressaltar que apesar das mudanças que ocorreram, não houve grandes rupturas na prática da psicologia em organizações de trabalho. “Trata-se de uma evolução mais incorporativa que seletiva da disciplina em estudo” (Sampaio, 1998, p.69). Nesse ponto, percebe-se a aproximação da psicologia e a interdisciplinaridade com outros campos de conhecimento como direito, medicina, administração e economia, assim como a contribuição de outras áreas da psicologia como a clínica, psicossociologia e a psicologia social.

Diferente das práticas tradicionais da psicologia do trabalho, voltadas para a produtividade e lucratividade, a psicologia do trabalho voltada para as organizações solidárias visa o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, buscando re-significar a identidade profissional do trabalhador/cooperado, fortalecendo o vínculo grupal. Assim, na mesma linha de pensamento de Freitas (apud Campos 1996), procura-se, utilizando métodos e processos de conscientização, trabalhar com os grupos populares para que eles assumam progressivamente o papel de sujeitos de sua própria história, conscientes dos determinantes sócio-políticos de sua situação e ativos na busca de soluções para os problemas enfrentados.

De acordo com Neves e Bernardes (1998) “Compete, portanto, aos psicólogos(as) comunitários(as) trabalharem na construção de uma consciência crítica, de uma identidade coletiva e individual mais autônoma e de uma nova realidade social mais justa” (p. 242), sendo que esta busca do desenvolvimento da consciência crítica, da ética da solidariedade e de práticas cooperativas ou autogestionárias, a partir da análise dos problemas cotidianos da comunidade, marca, de acordo com Freitas (apud Campos 1996), a produção teórica e prática da psicologia social comunitária.

O interesse em desenvolver um projeto de intervenção psicológica junto a organizações solidárias de trabalhadores (OST) deve-se à importância desse tipo de alternativa de trabalho e de geração

de renda, particularmente no atual contexto de desemprego e de precarização das relações de trabalho. Diante disto, foi criado o projeto de extensão *Assessoria Psicológica a Organizações Solidárias de Trabalhadores* que teve como objetivo principal estimular a criação, desenvolvimento e manutenção de OST através do desenvolvimento e aplicação do conhecimento psicológico.

Acreditando no importante papel que a universidade tem a cumprir no sentido de apoiar este tipo de iniciativa, este artigo visa apresentar a atuação dos integrantes deste projeto em duas associações que trabalham com o lixo.

Material e Métodos

Foram realizadas intervenções em duas associações, uma de catadores de lixo (AC) e outra de recicladores (AR). Estas associações foram selecionadas a partir de um mapeamento inicial das OST da região de Florianópolis e de experiências anteriores do projeto extensão. As atuações foram realizadas durante o ano de 2003 por quatro acadêmicos do curso de Psicologia da UFSC, divididos em duplas, orientados por uma professora do departamento de Psicologia (os autores deste trabalho).

Na AC, a intervenção teve como objetivo inicial conhecer e mapear problemáticas, além de formar vínculo com os trabalhadores. Nesta fase foi realizado um diagnóstico, elaborado após entrevistas semi-estruturadas com 20 trabalhadores. A partir da análise das entrevistas foram levantadas as seguintes categorias temáticas: significado de ser associado, relevância da associação na vida, considerações sobre a diretoria, motivações para o ingresso na associação e perspectivas futuras. Na continuidade da intervenção na AC, foi elaborado um programa de intervenção, com duas oficinas, que tinha o objetivo de trabalhar os conteúdos levantados no diagnóstico de forma vivencial, através de dinâmicas de grupo. Foram escolhidos dois grandes temas considerados como norteadores das oficinas: 1) “Convivendo na Associação” cujo objetivo foi discutir questões referentes ao significado de ser associado, à relevância e à importância da associação na vida de cada um e como é fazer parte de uma associação; 2) “Futuro da Associação” no qual foram trabalhadas questões como estimular a consciência grupal, favorecendo a discussão de temas referentes a relações hierárquicas, responsabilidades e o papel de cada um na associação e perspectivas futuras para si e os impactos para a associação.

Para participarem das oficinas semanais, os membros da AC foram divididos em três grupos (com cerca de 20 integrantes cada). Foram concluídos as oficinas com dois grupos de catadores, sendo que em cada grupo houve a participação média de 12 membros. Não foi possível realizar o trabalho com o 3º grupo, por encontrarmos inúmeras dificuldades: local para realização das oficinas, falta de comprometimento, incompatibilidade de horários, problemas de violência na comunidade de residência da maioria dos trabalhadores, entre outros.

As duas acadêmicas, que desenvolveram a intervenção na AC, realizaram esta atividade em colaboração com a psicóloga da Comcap (Companhia Melhoramentos da Capital), que assessora o grupo, sendo que durante o ano participaram de diversas reuniões com a equipe técnica e de assembleias na associação.

Procuramos focalizar as intervenções em comunidades do entorno da UFSC, devido à necessidade de um maior contato da Universidade com o meio social em que está inserido. Este fato se uniu à limitação financeira do projeto para realizar intervenções em comunidades muito distantes do Campus Universitário. Tivemos algumas dificuldades em localizar empreendimentos solidários já estruturados na região e que estivessem abertos a nossa proposta de intervenção.

Foram feitos contatos com associações e cooperativas que mostraram interesse em receber nossa equipe, mas uma série de problemas dificultou o agendamento de nosso trabalho. Inicialmente era preciso esclarecer para o grupo o que uma equipe de psicólogos poderia fazer, pois em geral eles jamais tinham tido contato com profissionais deste campo. Vencidas as resistências iniciais era preciso que o grupo pudesse dispor de tempo (parar com a atividade produtiva) para participar das atividades propostas por nós.

Já o trabalho com o AR iniciou-se com uma visita ao local para uma coleta preliminar de dados sobre esta associação. Posteriormente, foi proposta uma intervenção através de um primeiro módulo de diagnóstico, com técnicas de dinâmica de grupo adaptadas às necessidades dessa associação. Existiam cerca de 25 trabalhadores neste coletivo, os quais foram divididos em dois grupos para o desenvolvimento de trabalhos grupais, divididos em reuniões temáticas, em forma de oficinas.

Foi feito um mesmo planejamento para as oficinas com os grupos, no qual trabalhamos os seguintes temas: consciência grupal, cooperação, confiança, comunicação, liderança e tomada de decisões coletivas; no intuito de elaborar um diagnóstico acerca de cada um desses temas, para que estes fossem mais bem trabalhados em módulos posteriores. Cada tema foi trabalhado de forma vivencial, com a utilização de técnicas de dinâmica de grupo, que foram sendo aprimoradas ao longo da intervenção, buscando adaptá-las às características do grupo.

Paralelamente às atividades de intervenção, foram desenvolvidos estudos sobre temas relacionados à economia solidária (cooperativismo, autogestão etc.), processo grupal e estratégias de intervenção em psicologia comunitária e do trabalho, que subsidiaram nossa proposta de intervenção.

Resultados e Análise

Em seguida serão apresentados os resultados e análise de cada uma das intervenções.

AC: Associação de Catadores

Durante a primeira etapa da análise das entrevistas deu-se prioridade aos dados pessoais e o ingresso inicial na associação, o que nos possibilitou traçar um histórico desses trabalhadores na atividade de catadores de materiais recicláveis. A AC foi fundada agosto 1999, porém os catadores que foram entrevistados já exerciam esta atividade em média há 7 anos. A associação atualmente é composta por 106 catadores, dentre esses 36 mulheres e 70 homens. A idade dos entrevistados variou entre 16 e 61 anos.

Os integrantes da AC são pessoas que possuem laços familiares entre si, que vieram para Florianópolis devido à escassez de trabalho na região onde moravam. Podemos dizer que houve

pioneiros, que chegaram à cidade em busca de melhores condições de vida, mas que na realidade viveram na miserabilidade, encontrando como única saída o trabalho na catação, já que possuem baixa escolaridade e experiência profissional restrita.

À medida que a atividade de catador foi sendo estabelecida, novos membros da família foram chegando. Mesmo com o aumento crescente do número de catadores, o trabalho realizado não era reconhecido pelos órgãos públicos e sociedade. Iniciou-se assim um movimento para o estabelecimento desta atividade, o qual culminou com a fundação da Associação e perdura até hoje.

Em um segundo momento de análise das entrevistas optou -se pela divisão em categorias, sendo a primeira delas o “ significado de ser associado”. Nesta categoria foi possível identificar que o fato de pertencerem a uma associação faz com que se sintam reconhecidos pela sociedade de uma forma positiva ou seja, como pertencentes a uma categoria de trabalhadores: “- *A gente é mais respeitado, todo mundo respeita a gente! As pessoas sabem que nós somos da associação e respeitam a gente!*” (Genésio)¹.

Ser associado implica ainda perceber que os catadores necessitam estar unidos por uma mesma causa: “- *Devemos estar todos juntos para não parar. Senão termina tudo.*” (Ataíde) A partir das nossas observações pudemos constatar que esta união tão presente no discurso encontra dificuldades de se efetivar na prática.

Pensar no significado de ser associado implica em questionar as vantagens de pertencer ou não a uma associação. Durante esta avaliação foi possível verificar que existiam várias formas de estar vinculado à associação, entre elas: catador associado (catadores que fizeram parte de um cadastro da prefeitura), catador não associado (catadores que ingressaram após este cadastro ou que trabalham como “terceirizados” para outros catadores associados). Embora exista esta diferenciação ambos os tipos de catadores utilizam o mesmo local, os mesmos instrumentos de trabalho, pagam mensalidade e freqüentam assembléias. Desta forma a única diferenciação de fato constatada refere-se ao direito de questionar sobre as decisões tomadas: “-...*Eu pra mim, no meu pensamento a diferença é pouca dos que são associados dos que não são, porque a gente paga igual dos que são associados, faz a mesma coisa que eles, que os associados faz, simplesmente pra eles que são associados eles querem diminuir a gente, né.*” (Margarida)

Ainda quanto ao significado de ser associado, os entrevistados atribuíram um sentimento de autonomia no que se refere a horários, tarefas e até mesmo algumas regras sobretudo quando se compara o trabalho na associação com um emprego formal. “-*Uma grandeza, ter uma firma nossa mesmo, não precisa trabalhar e ser mandado pelos outros. Fico faceiro com isso.*”(Miro) “-(*Qual lado você acha bom? O da gente trabalhar aqui, pode vir quando quer, no horário que quer, e por outro é ruim porque se a gente se machucar e a gente precisar ficar parado não ganha nada, tem que se virar .*”(Izaura)

Na segunda categoria analisada, apontou-se a relevância da associação na vida do associado. Neste tema observou-se que a associação é vista como sendo um espaço físico seguro, onde os catadores podem separar, pesar e vender o seu material, guardar seus instrumentos de trabalho. Percebeu-se que

¹ Nomes fictícios.

além da associação ser um espaço de trabalho público, é também um ambiente de extensão para o convívio familiar, um espaço privado.

Uma terceira categoria analisada refere-se a considerações sobre a diretoria. As opiniões a respeito deste tema encontram-se bastante divididas entre insatisfeitos “- *Eu acho desorganizada, porque quando tem assembléia nunca estão todos, o presidente nunca aparece. É muito difícil a diretoria estar toda reunida*”.(Eduardo); satisfeitos parcialmente “-*Estão indo bem né , alguns não gostam mas eu pra mim ... é tudo meus tios né não posso reclamar , não posso falar nada né pra mim ta bom .”* (Ondina); satisfeitos “- *É eu não tenho que reclamar. Pra mim ta boa. E em tudo quanto é lugar sempre tem alguns errinho aqui uns errinho ali, mas isso é normal. Faz parte*”. (Margarida).

A análise desta categoria junto à participação da equipe em assembléias possibilitou avaliar a relação da diretoria com os associados, constatando que as regras não são estabelecidas e nem cumpridas, pois os laços familiares sobrepõem-se aos deveres institucionais. A diretoria não assume o seu papel de fato, esquivando-se justamente em situações conflituosas que necessitam de soluções. É rara, por exemplo, a participação efetiva do presidente nas assembléias. Paradoxalmente, quando há discordância de idéias entre diretoria e associados, relações de autoritarismo e opressão são observadas, estas envolvem inclusive ameaças aos associados.

As relações de poder na Associação estão estereotipadas e por isso não são questionadas sendo entendidas como naturais onde impera “a lei do mais forte”. Ocorre desta forma uma apatia geral, os associados tornam-se passivos, impotentes a realizar alguma mudança, justamente por não saberem se eles próprios enquanto membros da diretoria não agiriam da mesma forma.

Quanto à categoria referente às perspectivas futuras percebeu-se que a maioria dos entrevistados pretende continuar na catação apesar das dificuldades encontradas: a concorrência aumentando, entraves para obter material, desorganização na AC, entre outros.

Na realização das oficinas, com dois temas norteadores (“Convivendo na Associação” e “Futuro da Associação”), objetivou-se aprofundar as questões avaliadas nas entrevistas dando prioridade às problemáticas mais emergentes: a falta de um ideal coletivo de associação e as relações de poder vividas ali dentro. Buscou-se através de dinâmicas que envolviam linguagens como desenho, colagens, a reformulação de um projeto comum para esta associação. Para ENRIQUEZ (1994):

...somente um projeto tido como objeto ideal e somente nós mesmos tidos como seres idealizados (mais puros, mais belos que os outros), podem ser elementos suficientemente mobilizadores para fazermos sair da apatia ou da simples expressão da nossa boa vontade. (p.67)

A elaboração deste projeto comum não se constitui simplesmente em uma aceitação monótona, mas sim na discussão, na argumentação entre singularidades que vêm a acrescentar através de suas visões de mundo. O que se almejou foi transformar um grupo homogêneo, porém sem um projeto coletivo, em um grupo heterogêneo que através de uma construção dialética constrói e reconstrói um projeto comum. No momento em que começou a se trabalhar com mudanças nas relações de poder, discussões a respeito

dos papéis referentes à diretoria e os associados, através de dramatizações de conflitos cotidianos, avaliou-se uma resistência à mudança, expressa na baixa adesão às oficinas.

Como coordenadoras dos grupos almejamos dinamizar, resolver discussões frontais na tentativa de aliviar ansiedade grupal e promover a abertura de círculos viciosos: os módulos antes obrigatórios a todos, tornaram-se optativos, os horários foram combinados de acordo com as demandas dos trabalhadores, o espaço em que foram realizadas as dinâmicas eram próximos da associação. Vale ressaltar que no meio do ano, assim que as entrevistas foram encerradas, a associação passou por um momento de conflito envolvendo corrupção, ameaças entre os trabalhadores, a equipe técnica da prefeitura e a Comcap (Companhia Melhoramentos da Capital), desavenças financeiras, além da cobrança por parte dos órgãos municipais para que a Associação se organizasse de uma nova forma, para o ingresso em um novo galpão a ser construído. Estes acontecimentos dificultaram a realização das oficinas no tempo previsto.

AR: Associação de Recicladores

Com relação à atuação na AR, foi constatado que o grupo se encontrava desestruturado, passando por um período de renovação de sua diretoria, já que vários membros da mesma tinham deixado a associação ou abandonado seu cargo. Algumas semanas depois, com nova diretoria já eleita e organizada, pudemos dar início às atividades de intervenção propostas anteriormente. O trabalho nos possibilitou visualizar na prática as necessidades da associação, principalmente no que diz respeito à heterogeneidade de seus membros/componentes/associados, e os problemas decorrentes/provindos desse fato.

O nosso modelo de intervenção passou por várias revisões a partir da nossa prática, já que, apesar de termos buscado referências um pouco menos tradicionais da psicologia organizacional, o coletivo com o qual estávamos lidando tinha especificidades que exigiram um trabalho de adaptação na linguagem utilizada e na forma de intervenção. Apesar de algumas dificuldades, encontramos resultados bastante positivos. Percebemos problemas relacionados a: comunicação, confiança e entendimento grupal (focacas, intrigas, falta de conversa, etc.). Vimos que a associação tem seus mecanismos próprios para regular alguns destes problemas como advertências verbais, regulamentadas no estatuto. Nossa prática procurou tornar o grupo consciente de suas dificuldades e conquistas. Procuramos entender e fazê-los entender seu próprio processo grupal. Porém, os exercícios não puderam ser realizados com todos da associação, principalmente pelo fato de não poderem suspender as atividades todos ao mesmo tempo, pois isso comprometeria a produção e conseqüentemente a remuneração dos associados.

Outra dificuldade apresentada foi o agendamento dos dias de intervenção, pois parte do lucro do mês era reservado para pagar o transporte, já que todos são moradores da mesma comunidade. Sendo assim, nessa parte do mês (10 dias), preferencialmente todos deveriam trabalhar para que cumprissem a meta. Havia também o dia da partilha, em que parte dos associados, a maioria da diretoria, fazia as contas necessárias para o pagamento proporcional de todos os membros da associação, e já que estes dias mobilizavam muito a associação como um todo, foi mais um período em que nossa intervenção não foi efetivada.

Surgiram várias questões que o grupo colocou como problemas a serem resolvidos, tais como a falta de conscientização do uso do material de segurança, a desvalorização do trabalho e das condições fornecidas (galpão, material para separar, material de segurança) pelos próprios associados e pela população em geral.

Os grupos em geral, apesar das situações-problema relatadas, falavam muito da importância da união para o grupo. Também cabe ressaltar que a diretoria recém-formada vinha tendo alguns problemas de ajustamento, mais especificamente na comunicação. Pelo fato de o grupo ser bastante heterogêneo, principalmente no que diz respeito à faixa etária, esses problemas têm sido recorrentes.

Enfim, encerramos o projeto cientes que demos apenas o primeiro passo, as mudanças no âmbito desse tipo de instituição são lentas e nem sempre lineares o que requer um trabalho de intervenções de longo prazo.

Considerações Finais

Tínhamos a expectativa inicial de desenvolver um modelo de intervenção psicológica capaz de atender às necessidades de organizações não tradicionais. A opção por módulos de intervenção, privilegiando a utilização de técnicas de dinâmica de grupo, atuando junto aos coletivos de acordo com seus interesses e necessidades, parece-nos uma estratégia promissora, que ainda precisa ser testada e aprimorada. Buscamos conhecimentos da psicologia social e comunitária para resignificar as práticas tradicionais no campo da psicologia do trabalho. Um desafio foi adaptar nossas práticas a trabalhadores com baixo grau de escolaridade (muitos analfabetos), estabelecendo uma relação flexível e não autoritária com eles. Certamente não é possível estabelecer um modelo único, pois cada coletivo tem características diferentes, mas acreditamos que a continuidade do projeto de extensão nos permitirá aprimorar nossas práticas.

O trabalho em equipe, com discussões semanais de planejamento e avaliação das atividades, permitiu o desenvolvimento de propostas originais de intervenção, pautadas no contexto dos coletivos populares. Neste sentido, consideramos importante que outros alunos de Psicologia possam passar por experiências semelhantes, de adaptação do conhecimento aprendido e produzido na universidade à realidade das OST.

Nossa equipe também buscou subsidiar seu trabalho de intervenção com o resgate de conhecimentos teóricos sobre temas relacionados à economia solidária. A partir destes estudos foi possível definir o que entendemos por organizações solidárias de trabalhadores, definição esta que norteou nosso trabalho e foi sendo revista a cada contato. No momento, entendemos que as OST constituem-se em coletivos populares de trabalhadores, organizados na forma de cooperativas ou associações, que desenvolvem uma atividade produtiva solidária como alternativa de geração de renda e trabalho e busquem as seguintes características: distribuição igualitária dos rendimentos, propriedade e controle coletivo dos meios de produção e dos sistemas produtivos e formas coletivas e democráticas de tomada de decisões.

O contato com as OST mostrou-nos o quanto um apoio externo é fundamental para sua sobrevivência. Observamos que freqüentemente a criação, manutenção e desenvolvimento desse tipo de organização depende de apoio de educadores (professores de escolas técnicas, da secretaria de educação ou da própria universidade), de sindicalistas ou de técnicos de outras entidades. Pretendemos continuar oferecendo este tipo de suporte psicossocial, mas achamos fundamental estimular a autonomia dos coletivos de trabalhadores, atuando de acordo com suas demandas e fortalecendo sua independência.

O desenvolvimento de um projeto de extensão implica no estabelecimento de parcerias entre universidade e comunidade, o que no caso de uma universidade pública, é uma responsabilidade esperada. Esse diálogo é bastante enriquecedor para ambos os lados, foi uma oportunidade de por em prática conhecimentos teóricos e, mais do que isto, repensar estes conhecimentos a luz da complexa realidade que envolve as organizações solidárias de trabalhadores. Ao intervir nas OST, observamos que esse tipo de organização tem dificuldade de inserir-se no mercado, requerendo todo apoio possível. Apesar de pautadas em uma proposta coletiva e solidária, elas devem competir com outras organizações muito mais adaptadas à nossa realidade. Nossas experiências de intervenção corroboram com a hipótese, levantada no projeto, sobre as limitações no que diz respeito à capacidade emancipatória dos experimentos de economia solidária. Apesar disto, pensamos que é fundamental o fortalecimento destas alternativas de trabalho e geração de renda.

A importância da atuação de psicólogos nestas organizações está em preparar seus integrantes para romper com velhos papéis e assumir outros que são requeridos pelas novas organizações. Além disso, atuando no processo grupal, podemos fortalecer o vínculo grupal, contribuindo para estabelecer um espaço de diálogo e cooperação, onde os sujeitos se envolvam em um projeto comum que transforme esses indivíduos em grupo e, assim, possibilite a construção de alternativas coletivas de luta. Estes trabalhadores, que no capitalismo, são formados para exercerem papéis de empregados, na medida em que se deparam com uma realidade nova, na qual de subordinados passam a ser donos do negócio, mudam sua identidade no contexto do trabalho.

Atuando no processo grupal, pôde-se auxiliar o grupo a tornar-se um local de diálogo, estruturação e cooperativismo, onde os sujeitos se envolvam na luta coletiva contra a opressão, injustiça e desigualdade, antes enfrentadas individualmente. Se, por um lado, o desenvolvimento de um projeto comum transforma esses indivíduos em grupo, por outro, é somente sua estruturação como grupo que possibilita a construção de alternativas solidárias de luta. Novos significados e ações podem ser produzidas pelos associados, que juntos podem reconstruir seu momento histórico, modificando-o com a superação das opressões existente sobre o grupo. O despertar da vontade de agir do coletivo permite ao sujeito inserido neste grupo enfrentar com mais dignidade o seu dia-a-dia, sentir-se capaz de lutar e ter esperanças quanto à melhoria de sua qualidade de vida.

A partir disso, cabe ressaltar a importância de projetos de extensão universitária como este, na medida em que estes auxiliam a população em suas necessidades básicas e específicas através de conhecimentos produzidos no contexto da universidade. Permite também ao estudante universitário aplicar na prática seus conhecimentos, adaptando a cada comunidade e criando novas possibilidades de atuação profissional, além de implementar a sua própria formação.

Referências

CAMPOS, R. H. de F. Introdução: a psicologia social comunitária. In: CAMPOS, R. H. de F. (org) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. In: LÉVY, A. et al. (org.) **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Petrópolis: Vozes, pp. 56-69, 1994.

GAIGER, L. I. Sentido e possibilidades da economia solidária hoje. In: KRAYCHETE, G. et al. (org.) **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Rio de Janeiro: Vozes, (pp.167-190), 2000.

GONÇALVES, J.A; OLIVEIRA, M. V. de ; ABREU, M. de F. **Metodologia para a organização social dos catadores**. São Paulo: Pastoral de Rua, 2002.

KUHNEN, A. **Reciclando o cotidiano: representações sociais do lixo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

MACHADO, L. C. P. e RIBAS, C. **Economia solidária: solução ou engodo?** UFSC, mimeo, 2001.

MTE/SENAES **Economia solidária em desenvolvimento**. Brasília: MTE,SENAES, 2003.

NEVES, S. M.; BERNARDES, N. N. G. Psicologia social e comunidade. In: STREY, M. N. (org) **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TEDESCO, J. C. Economia Solidária: novos processos e novas racionalidades no campo socioeconômico. In: TEDESCO, J. C. & CAMPOS, G. L. R.(org). **Economia solidária e reestruturação produtiva: (sobre)vivências no mundo do trabalho atual**. Passo Fundo:UPF, pp.15-41, 2001.

SAMPAIO, J. dos R. Psicologia do trabalho em três faces. In: GOULART, I. B. (Org.) **Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp.19-40, 1998.